

Adorno e Derrida: um debate na comunicação

Carla Rodrigues

RESUMO

O objetivo deste artigo é interrogar o uso da expressão “novas tecnologias de informação e comunicação”, se valendo da atualidade da teoria crítica, do pensamento da desconstrução, e da possibilidade de articulações entre elas. Quer, com isso, questionar os discursos que construíram e fundamentaram o conceito das NTICs como libertárias e emancipadoras a partir da sua oposição com os meios de comunicação de massa, identificados como opressores e manipuladores. Pretendo, assim, debater as oposições binárias sobre as quais ainda se apoiam muitos dos discursos sobre as NTICs.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria cultural. Pensamento da desconstrução. Teoria crítica.

1 Introdução

Estão condenadas ao fracasso as tentativas de demarcar rigorosas fronteiras disciplinares epistemológicas, que muitas vezes restringem os estudos de Comunicação a determinados autores – tido por canônicos – e eliminam a possibilidade de ouvir outras vozes, às margens do debate, mas nem por isso (ou talvez por isso) com abordagens instigantes. Neste artigo, me alinho a este argumento de Felinto (2011), para trabalhar com as possíveis associações entre o pós-estruturalismo¹ e a teoria crítica, que só muito recentemente estão se tornando objeto de pesquisa. A lacuna é apontada por pesquisadores de ambas as correntes, como pontuam Peter Dews (1996) e Fabio Durão (2005; 2006), entre outros². Embora sejam trabalhos relativamente recentes, as afinidades temáticas entre a primeira geração da escola de Frankfurt e o pós-estruturalismo são muitas. Questões como a ilusão da autonomia do sujeito e o caráter opressor da razão científica, para citar Dews, ou temas como o questionamento da filosofia da identidade, a valorização da escrita e do estilo, e a recusa a sistemas de pensamento, para ficar com os exemplos de Durão, são apenas algumas das indicações de hipóteses dessa proximidade.

No breve espaço deste artigo, vou privilegiar as articulações entre T. Adorno e J. Derrida, partindo dos ecos de Adorno que Derrida evoca, por ocasião da entrega do Prêmio Adorno, concedido a ele em Frankfurt em 2001:

Há décadas ouço vozes em sonho, como se diz. Às vezes, são vozes amigas, às vezes não. São vozes em mim. Todas parecem dizer-me: por que não reconhecer, clara e publicamente, de uma vez por todas, as afinidades entre seu trabalho e o de Adorno, na verdade, sua dívida para com Adorno? Não é você um herdeiro da Escola de Frankfurt? Em mim e fora de mim, a resposta, com certeza, será sempre complicada, em parte virtual. Mas, a partir deste momento – e também por isso lhes digo “obrigado” – não posso mais fazer de conta que não ouço essas vozes. Se a paisagem das influências, das filiações ou das heranças, das resistências também, continuará sempre atormentada, labiríntica ou abissal, e nesse caso talvez mais contraditória e sobredeterminada do que nunca, hoje, graças a vocês, estou feliz hoje por poder e por dever dizer “sim” à minha dívida para com Adorno, e por várias razões, mesmo se ainda não sou capaz de responder a ela e de responder por ela (DERRIDA, 2002, p. 43).

Nesse discurso, algumas das possibilidades de aproximação entre o pensamento da desconstrução e Adorno foram apontadas pelo próprio Derrida:

- a) a recusa ao idealismo, embora por caminhos distintos;
- b) a recepção do pensamento de Heidegger e a leitura que ambos os autores fazem do filósofo alemão, a de Derrida “tão reticente quanto a de Adorno”, mas passando por caminhos diferentes;
- c) o interesse mútuo pela psicanálise;
- d) o reconhecimento da influência de Adorno em despertar

¹ Pós-estruturalismo é uma terminologia adotada especial nos EUA, Na França, como no Brasil, a denominação usada para se referir ao Pensamento da desconstrução é a denominação francesa adotada no Brasil pelos estudiosos do filósofo franco-argelino Jacques Derrida. A leitura de Derrida no Brasil teve entre seus pioneiros o crítico literário Silviano Santiago, coordenador de um grupo de orientandos que começou a ler os textos do que se convencionou chamar de “primeiro Derrida”, aqueles dedicados à interrogar as teorias estruturalistas da linguagem. Desse primeiro trabalho resultou a publicação do Glossário de Derrida (SANTIAGO, 1976), início da literatura sobre o filósofo em português e da formação de muitos de seus tradutores. Outros grupos, como o “Traduzir Derrida”, fundado pelo professor Paulo Ottoni, na Unicamp, são exemplos da leitura de Derrida em departamentos de Letras. No final dos anos 1990, destaca-se a leitura de Derrida no Departamento de Filosofia da PUC-Rio, sob coordenação do professor Paulo Cesar Duque-Estrada. São textos dedicados aos temas éticos e políticos, nos quais Derrida se coloca em diálogo – e por vezes em confronto – com a tradição filosófica. (DUQUE-ESTRADA, 2004). Se as leituras de Derrida ganham expressividade na Filosofia e na Letras, na área de Comunicação ainda é pequeno o interesse pelo autor. Há exceções, como no debate sobre hipertextualidade RODRIGUES, 2010a). George Landow contribuiu para o interesse na leitura de Derrida na Comunicação. Ele é seguido por muitos autores brasileiros no seu argumento de que a hipertextualidade é um novo tipo de texto, materializado em suportes eletrônicos, instrumento que daria concretude à referencialidade aberta pensada por Derrida.

² As críticas marxistas ao pensamento da desconstrução, no entanto, são notadamente mais frequentes, como em Terry Eagleton (1981), para quem “a desconstrução da tradicional autonomia do sujeito se parece cada vez mais com a condição de preservação da liberdade do burguês liberal.”. Não se trata, portanto, de desconhecer as críticas, mas de trabalhar deliberadamente em outra direção.

- a responsabilidade do pensamento diante de Auschwitz;
- e) a questão da linguagem, seus equívocos, o interesse pelo idioma para além de sua funcionalidade, o interesse pelo outro e pela singularidade;
- f) a literatura, para ambos uma questão;
- g) a questão do animal e todas suas implicações.

Como observa Deranty (2006), Derrida chama Adorno de “pai adotivo”, se associando à primeira geração da Escola de Frankfurt, marcando que a herança adorniana sobreviveria mais no pensamento francês do que no racionalismo de J. Habermas, hoje dominante em Frankfurt (DERANTY, 2006, p. 432).

Ao explorar as possíveis aproximações entre Adorno e Derrida, quero interrogar os discursos sobre as “novas” tecnologias de informação e comunicação e propor uma crítica sobre a construção deste “conceito”. Para começar esse percurso, retorno ao clássico texto de Adorno e Horkheimer, *A Indústria cultural: o esclarecimento como mitificação das massas*.

2 Capitalismo e totalitarismo

Criado em 1947 por Adorno e Horkheimer, o termo indústria cultural define a transformação da cultura em mercadoria e ao seu uso pela classe dominante com a finalidade de construir ideologias e controlar a sociedade. Entre as décadas de 1930 e 1940 na Alemanha, os teóricos de Frankfurt assistiam, entre perplexos e ameaçados – ameaça que resultou no exílio dos dois nos EUA –, ao crescimento do nacional-socialismo e a sua manipulação dos meios de comunicação de massa no controle e subordinação de uma população alienada e homogeneizada, desprovida de capacidade crítica.

O contexto histórico é importante para lembrar que Adorno e Horkheimer associaram a indústria cultural a dois aspectos opressores: de um lado, a transformação da cultura em mercadoria atenderia aos interesses do capital; de outro, totalitarismo político, dominação e sujeição seriam o motor ideológico da indústria. Suas críticas ao rádio, por exemplo, são notáveis sobre esses dois aspectos:

O rádio torna-se aí a voz universal do Führer; nos alto-falantes de rua, sua voz se transforma no uivo das sirenes anunciando o pânico, das quais, aliás, a propaganda moderna é difícil de distinguir. Os próprios nacional-socialistas sabiam que o rádio dera forma à sua causa, do mesmo modo que a imprensa fizer para a Reforma. O carisma metafísico do Führer, inventado pela sociologia da religião, acabou por se revelar como a simples onipresença do espírito divino. [...] Numa sociedade dominada por grandes bandidos fascistas, que se puseram de acordo sobre a parte do produto social a ser destinado às primeiras necessidades do povo, pareceria enfim anacrônico convidar ao uso de um sabão em pó. O Führer ordena de maneira mais moderna e sem maior cerimônia tanto o holocausto quanto a compra de bugigangas (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 132).

Sob inspiração dos horrores do regime de Hitler, Adorno e Horkheimer percebem que a manipulação e a submissão do indivíduo no campo da política atende a interesses políticos e econômicos. A produção de lixo – estético ou ideológico – seria a principal necessidade da indústria, cujo objetivo era disseminar “[...] bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais.” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 100). Os padrões seriam aceitos sem nenhum tipo de resistência porque resultariam de oferta para suprir as necessidades dos consumidores. Entra em cena a publicidade e sua função de atuar sobre a criação destas necessidades, guiando e disciplinando os consumidores.

Na percepção da associação entre racionalidade econômica e totalitarismo, Adorno e Horkheimer afirmam ainda que a indústria cultural transforma a diversão em um mero “estar de acordo”. Trata-se, então, de exercer uma liberdade de escolha que “escolhe sempre a mesma coisa”, domesticado pela coerção econômica que se reflete na associação entre indústria, meios de comunicação de massa e propaganda. Os autores identificam as tentativas dos consumidores de reiteradamente “[...] fazer de si mesmo um aparelho eficiente e que corresponda, mesmo nos mais profundos impulsos instintivos, ao modelo apresentado pela indústria cultural.” (1985, p. 138). Eles perceberam esse movimento na publicidade em afirmações como “[...] reduzido a material estatístico, os consumidores são divididos, no mapa geográfico dos escritórios técnicos (que praticamente não se diferenciam mais dos de propaganda), em grupos de renda, em campos vermelhos, verdes e azuis [...]” ou “A repetição cega e a rápida expansão de palavras estabelecidas une a publicidade à palavra de ordem totalitária.” (1985, p.102-104).

Os exemplos são breves e não podem, no curto espaço deste trabalho, esgotar o conceito de indústria cultural, apenas marcar sua influência na percepção dos meios de comunicação de massa como opressores, manipuladores na produção de certo tipo de sujeito para quem estar de acordo – conformar-se, enquadrar-se – torna-se um ideal a ser alcançado e mantido pela via do consumo, seja de bens, seja de hábitos, comportamentos ou ideologias.

3 Publicidade e meios de comunicação de massa no Brasil Primeira

Ainda que possa parecer um salto histórico e geográfico, vou trocar a Alemanha da Segunda Guerra Mundial para o Brasil do pós-guerra. Silvia Modena Martini (2011) mergulhou no acervo do Ibope, primeira empresa de opinião pública a se instalar no país e na América do Sul. Fundado em 1942, o instituto era apresentado como empreendimento necessário à vida moderna.

O primeiro instituto de pesquisa se instalou no País durante a ditadura do Estado Novo, período em que desenvolvimento econômico e industrialização se aliavam a um governo cujo apoio popular estava fortemente ligado ao recurso da propaganda. Criado para coordenar e orientar a propaganda oficial e a política cultural, o Departamento de Imprensa e Propaganda do presidente Getúlio Vargas já se valia de técnicas publicitárias no campo da política.

Martini mostra que a invenção da vida moderna brasileira começou nesse período e se deu numa via de mão dupla: de um lado, a oferta de novos produtos industrializados; de outro, pesquisas de opinião que apoiavam a propaganda e geravam demandas inéditas. A oferta de bens de consumo impulsionou a entrada do Brasil no rol dos países urbanos, com a economia baseada em indústrias e serviços modernos, para o qual os anos 1950 foram decisivos. Para a virada, o discurso publicitário foi fundamental.

A fim de criar demandas de consumo, as empresas recorriam ao Ibope para testar a aceitação de seus produtos no mercado. Muito do que hoje faz parte dos hábitos de consumo foi resultado de uma difícil e longa construção. Martini observa que os produtos foram sendo praticamente impostos a partir do uso do rádio, mídia mais influente à época, pelo qual se massificava as ofertas de novos produtos. A tese de Marini revela a relação entre pesquisa de opinião, publicidade e consumo no início da industrialização no Brasil.

Mais conhecidas são as relações entre a TV brasileira e a ditadura militar. O Brasil foi o primeiro país da América Latina e o quinto do mundo, depois de Alemanha, Inglaterra, EUA e Rússia, a oferecer programação diária de televisão aberta. A TV surgiu sob influência do rádio e se consolidou como indústria que movimentou no ano passado R\$ 16,4 bilhões de reais³. Associada aos ideais de progresso trazidos pelo processo de industrialização, a televisão cresce, se expande e se profissionaliza sob a égide da repressão política. As telecomunicações foram fundamentais para a consolidação dos objetivos do governo militar a partir do golpe de 1964, contribuindo para a integração do país a partir da associação entre a Embratel, que forneceu a infra-estrutura, e a TV Globo, produtora de conteúdo (CRUZ, 2008, p. 28). No modelo de implantação da TV brasileira, coube à televisão a supremacia da associação aos mecanismos de dominação econômica, cultural e política. Em trabalho dedicado a analisar a produção de conteúdo da TV Globo, Rodrigo Duarte (2010) demonstra sua total adequação ao modelo frankfurtiano e indica, nos meios de comunicação de massa no Brasil, quatro dos principais critérios com os quais Adorno e Horkheimer definem a indústria cultu-

■
³ <http://www.projetointermeios.com.br/relatorios/rel_investimento_3_0.pdf> Acesso em: 29 out. 2011.

ral⁴. Ou seja, nossa adoção e compreensão do papel dos meios de comunicação de massa está também ligada à forte associação destes com dominação política e ideológica.

4 Derrida e o abalo às oposições

Derrida não foi um autor que tenha particularmente se dedicado a questões de comunicação. A riqueza do seu pensamento está menos na abordagem direta ao tema, e mais na sua crítica aos pares metafísicos a partir da percepção da maneira como determinados conceitos foram construídos e fundamentados sobre oposições hierárquicas. O que ele chamou de “estratégia geral da desconstrução” supõe um duplo gesto, um duplo jogo de inversão e deslocamento, que ele pensa como simultâneos para não caracterizá-los como “fases” de um programa. Inseparáveis, inversão e deslocamento são necessários para desconstruir uma determinada oposição. Derrida prefere recusar a palavra “fase” porque não se trata de uma etapa cronológica, mas de dedicar atenção permanente às hierarquias, sem o que a oposição dual se reconstituirá. Nesses termos, o deslocamento marca um afastamento entre a inversão, que coloca na posição inferior, e a emergência de um novo “conceito”, que já não pode ser compreendido pelo regime anterior.

Trabalho aqui com esta perspectiva, a fim de interrogar até que ponto muitos dos discursos tomam as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) **apenas** como o inverso dos meios de comunicação, e a elas atribuem as qualidades diametralmente opostas às limitações dos meios de comunicação de massa. Interessa discutir até que ponto a exaltação do potencial emancipador das NTICs se dá na medida em que essas tecnologias pretenderam se apresentar tendo como característica principal ser oposição ao modelo descrito pelos teóricos da escola de Frankfurt.

Muitos dos trabalhos as tecnologias de informação e comunicação adotam como premissa associá-las à possibilidade de dar voz a discursos até então controlados pelo poder dos meios de comunicação de massa⁵. São inúmeros os exemplos de autores que trabalham com esse recorte e fizeram escola entre leitores brasileiros. Não se trata, no entanto, de discuti-los um a um, mas de reconhecer que esta perspectiva – assim como a que perspectiva que pretende apenas condenar as NTICs – não é mais suficiente para dar conta da amplitude do fenômeno.

Conhecemos a história da Internet como uma associação entre os interesses do Departamento de Estado Americano, criador da Arpanet no início dos anos 1960, os pesquisadores das universidades norte-americanas, que nos anos 1970 desenvolveram o protocolo TCP/IP em busca de redes horizontais de troca de

■
⁴ Duarte (2010, p. 95) elege como principais critérios a expropriação do esquematismo; a consumação de um ‘estilo’; a corrupção do trágico; o fetichismo dos bens culturais.

■
⁵ A título de exemplo, indico LEVY (1999), no âmbito internacional com influência no Brasil, e LEMOS (2002; 2006).

informações, e sobretudo dos hackers e de seus ideais libertários, sem os quais a rede não teria mantido a sua configuração aberta, apesar da entrada maciça dos interesses do capital, que a partir dos anos 1990, com a abertura da Internet comercial, entra na disputa sobre configurações, sistemas, linguagens e formatos da rede (CASTELLS, 2004).

As aspirações de compartilhamento de informação de forma democrática são qualidades e não se trata de desmerecê-las, mas aproveitar a oportunidade de refinamento da nossa capacidade crítica, interrogando até que ponto a construção do discurso que exalta as qualidades das chamadas novas mídias dependeria da sustentação de uma oposição binária e dicotômica segundo a qual se opõem, em campos opostos, os meios de comunicação de massa, do lado da manipulação, e as novas tecnologias de comunicação e informação, do lado da emancipação e da liberdade. Em outras palavras, meu argumento é que muitos dos discursos que enaltecem as qualidades das NTICs dependem e foram construídos sobre uma percepção que depende desta oposição, que já pode ser mais embaralhada.

Com Adorno e Derrida, pode-se interrogar até que ponto os debates sobre a influência das novas tecnologias de informação e comunicação podem se beneficiar de uma crítica a esta oposição binária na qual, de um lado, está o elogio às novas tecnologias como libertárias, e de outro, a crítica aos meios de comunicação de massa como opressores. Este questionamento tem como intenção interrogar como discursos dicotômicos podem construir – e ao mesmo tempo cegar – as nossas perspectivas sobre as novas tecnologias de informação e comunicação. Discursos binários correm o risco de se entrincheirar em campos opostos – ou exaltar as NTICs ou condená-las. A leitura de Derrida na área de comunicação poderia vir a abalar oposições binárias, a fim de encontrar caminhos pelos quais se possa (re)pensar as NTICs, sem **nem apenas** exaltá-las, **nem apenas** condená-las.

O recurso ao *nem/nem* tem a intenção de evocar uma das principais características do pensamento de Derrida, apontado por Monica Cagnolini como um “pensamento que treme”, porque assume a incerteza, corre riscos, aceita a instabilidade. Diante da metafísica positiva, caracterizada pelo binarismo, o pensamento da desconstrução se colocou no ‘entre’ das oposições: **nem verdade nem falsidade, nem presença nem ausência**, se não ‘entre’. Não que o ‘entre’ possa ser convertido em um novo lugar do pensamento, ou num recurso que assente novas bases para o pensamento, mas o entre como abalo a ser mantido na experiência de pensamento (CRAGNOLINI, 2007).

Trata-se, portanto, menos de afirmar e mais de perguntar,

menos de identificar e mais de interrogar, menos de cartografar e mais de se deixar mover por outras direções. Poderíamos caminhar entre esses campos não necessariamente opostos porque há inúmeras combinações entre o que não é **nem bom nem ruim, nem falso nem verdadeiro**.

5 Ecos e ecografias

Um dos poucos textos em que Derrida se dedica diretamente a tratar de comunicação é de 1996, quando as chamadas NTICs eram ainda muito incipientes. Tanto que em grande parte das vezes o filósofo se refere às mudanças já em curso como “transformação teletécnica”, que para ele abrangeriam o telefone, o fax, a televisão, o email e a internet. No entanto, seu potencial emancipador já se fazia antever, porque com ela “nenhum regime totalitário, não importa o tamanho da sua força política, militar, ou mesmo da sua força econômica, pode sobreviver acima de um determinado limiar a partir do qual o controle da polícia não é mais possível, e a camisa de força do totalitarismo não poderá ser mantida” (DERRIDA; STIGLER, 2002, p. 72).

Ao longo dos últimos 15 anos, desde as declarações de Derrida, temos assistido a aceleração de processos políticos e econômicos, que se dão de forma indissociável do uso das NTICs. Não é preciso ir muito longe para encontrar inúmeros exemplos de mobilização popular, com o suporte tecnológico de redes de comunicação horizontais como as que sonhavam os hackers e os hippies dos anos 1970⁶. Derrida, e nisso ele nos pode ser muito útil, não cede fácil ao apelo da “novidade” que inspira muitos dos discursos sobre as tecnologias de informação e comunicação, quando expressa sua desconfiança em relação ao ideal de horizontalidade.

Claro que nós nunca vamos alcançar algum tipo de simetria ou reciprocidade. A ilusão de que o destinatário possa se reapropriar do que chega até ele é uma fantasia. Mas isso não é motivo para abandonar o destinatário à passividade e não lutar por todas as formas, resumidas ou sofisticadas, do direito de resposta, do direito de seleção, do direito de intervenção (DERRIDA ; STIGLER, 2002, p. 58).

Derrida está respondendo a uma pergunta de Bernard Stiegler sobre as possibilidades futuras – que o tempo veio a confirmar – de o consumidor ser também o produtor, numa transformação do conceito de indústria cultural, definida originalmente por Adorno e Horkheimer como “[...] o contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa.” (1985, p. 100).

Não são mais poucos produzindo para muitos, mas muitos produzindo para muitos. Mas na ressalva de Derrida, exposta na citação acima, “nunca vamos alcançar algum tipo de simetria”. A constatação nos obrigaria, portanto, a desconfiar do modelo

⁶ Desde a revolta de Chiapas, iniciada em 1994 e já se valendo das tecnologias emergentes, são centenas os exemplos de uso das tecnologias de comunicação e informação para fins de emancipação política e de questionamento do status quo. Os casos mais recentes são os dos protestos em Londres, articulados pelo Facebook, e os diversos protestos reunidos sob a denominação de Primavera Árabe. Por sua contribuição às causas políticas, a internet foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz de 2011. <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/03/01/lista-dos-indicados-ao-nobel-da-paz-de-2011-inclui-wikileaks-internet-923900025.asp>>Última consulta: 29 de out. de 11.

todos-todos e dos discursos que pretendem colocar o destinatário da mensagem no centro de um poder inédito. Não para abandonar as reivindicações pelas mudanças, mas **principalmente para não abandoná-las**, nem cair na ingenuidade das revoluções.

Evoco alguns discursos, do meu ponto de vista ingênuos, que vislumbram no jornalismo-cidadão a possibilidade de realização do modelo todos-todos pelas NTICs e de democratização no acesso dos meios de comunicação de massa. Como bem observa Silvia Moretzsohn (2006, p. 69), a valorização do jornalismo-cidadão está baseada na existência de outra falsa oposição: de um lado, jornalistas privilegiados detentores da informação; de outro, a audiência que, dotada de mecanismos tecnológicos adequados e “ansiosa pela verdade”, poderia alcançá-la de forma desinteressada. Moretzsohn lembra que os diversos projetos de veiculação de material produzido pelos leitores não prescindem de filtros tão rigorosos quanto os que norteiam a produção de reportagens profissionais, trazendo mais uma tarefa à rotina das redações: selecionar, em uma imensa quantidade de informações, as que chegam pelos leitores, o que leva a autora a valorizar o testemunho do cidadão apenas como mais uma “fonte a ser adequadamente checada”. Seu texto aponta ainda para estes filtros rigorosos como mais uma estratégia de marketing do que de fato uma contribuição expressiva dos jornalistas-cidadãos à pauta e ao noticiário.

6 ‘Nada surgirá que não se adapte’

É de inspiração weberiana o trabalho dos sociólogos franceses Luc Boltanski e Ève Chiapello, que poderiam subscrever a frase de Adorno e Horkheimer – “Nada surgirá que não se adapte” (1985, p. 111). Os sociólogos franceses mostram como a lógica econômica se adaptou às críticas sofridas pelo capitalismo a partir do final dos anos 1960 e como o termo “rede” foi amplamente utilizado na crítica ao que se pretendia um “ponto fixo”, como Estado, família, tradições e instituições em geral. Passaram a ser exaltados valores que representariam o bem-vindo fim das estruturas rígidas, como mobilidade, fluidez e a circulação em redes abertas. A partir desse momento, todo ponto fixo foi deslocado para o fluído; as hierarquias, para as redes múltiplas; e os aparatos tornaram-se instâncias de poder a ser deslegitimadas. O capitalismo pós-industrial se valeu das diversas correntes de pensamento que propuseram repensar a identidade como um “ponto fixo” para aprofundar seus modos de exploração – que acontece em ambiente de incentivo à libertação –, e a precarização do trabalho – que se dá em nome da flexibilidade. Esse movimento de apropriar-se do discurso que pretendia confrontá-lo é o que

Vladimir Safatle (2008), a partir da leitura de Peter Sloterdijk (2000), chama de cinismo⁷.

Cínica é a dinâmica segundo a qual surgem novos valores que, se eram destinados a criticar o capitalismo, foram rapidamente adotados como valores do “novo” capitalismo, capaz “[...] de cooptar as idéias daqueles que eram seus inimigos na fase anterior.” (BOLTANSKI ; CHIAPELLO, 2009, p. 236). Ou seja, “nada surgirá que não se adapte”, e o capitalismo pós-industrial não apenas se adaptou aos seus mais ferozes críticos, como se apropriou dos valores que surgiram para questioná-lo. Por analogia, pode-se pensar nas novas tecnologias de informação e comunicação, que surgiram a fim de romper com a estrutura totalizante e dominadora dos meios de comunicação de massa, mas também estariam sendo apropriadas e usadas como mecanismos de controle e domesticação.

Quando dizem que “nada existirá que não se adapte”, Adorno e Horkheimer podem estar nos ajudando a rever os discursos, muitas vezes ingênuos, de exaltação das NTICs, estas também em processo de adaptação aos interesses do capital. Para os autores, o surgimento de algo novo não sobreviverá por muito tempo sem ser adaptado, subsumido, configurado aos interesses do capital.

Quando Adorno e Horkheimer dizem que “nada surgirá que não se adapte”, estão se referindo a essa capacidade, aqui associada à apropriação, por parte do capitalismo pós-industrial, do que são as qualidades atribuídas às NTICs, como flexibilidade e mobilidade. São palavras que já estiveram no vocabulário dos movimentos de emancipação e de liberdade, mas que hoje estão sendo usadas no mundo do trabalho e atendendo à criação de novas estruturas de poder, como observa Richard Sennet: “A repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem condições que nos libertem.” (SENNET, 2003, p.54).

No que diz respeito às rotinas de trabalho, Castells (2007, p.131) observa que uma das principais funções das tecnologias é a “possibilidade de comprovação”, ou seja, de “instrumento de controle”. Supervisores podem controlar seus funcionários não apenas durante o período de expediente, mas exigir total disponibilidade, sete dias por semana, 24 horas por dia. Também se pode controlar a execução de determinadas tarefas, a partir de mecanismos de localização que rastreiam a presença do trabalhador em determinados lugares. Ele usa o exemplo do representante de vendas, função que durante muito tempo esteve associada à liberdade. Hoje, esse profissional viaja controlado por dispositivos móveis, e a lógica da métrica passou do relógio de ponto da fábrica para a tela do computador ou do telefone celular.

Já em Derrida, o que se lê é descrença no conceito de novi-

⁷ Este artigo faz parte de um debate que venho empreendendo sobre a articulação entre as formas de controle e dominação do capitalismo pós-industrial e o uso das NTICs (RODRIGUES, 2010b; 2010c; 2011a; 2011b).

dade, quando ele diz: “O inédito surge, quer se queira, quer não da multiplicidade de repetições. Eis o que suspende a oposição ingênua entre tradição e renovação, memória e porvir, reforma e revolução” (DERRIDA, 2004, p.331-332). Se em Adorno e Horkheimer há uma percepção de que todo o novo que surge, será adaptado, em Derrida há uma recusa ao conceito de novidade, termo que ainda nos orienta quando nos referimos às NTICs. O inédito do uso das tecnologias de informação e comunicação – que a partir daqui não serão mais chamadas de ‘novas’ – surge da multiplicidade de repetições de usos de outras tecnologias, outras técnicas que vão sendo transformadas, modificadas pela “multiplicidade de repetições”, o que nos obrigaria a perceber a oposição dicotômica entre as duas seria um discurso construído a fim de marcar um ideal emancipador que produz, entre outros resultados, mais adesão às NTICs.

Mais uma vez me alinho a Felinto, quando ele propõe um “[...] permanente estado de alerta contra a fixação de palavras ou conceitos.” (2011, p. 246). Seus exemplos são termos como “comunicação” e “mídia”. A estes proponho acrescentar a expressão “novas tecnologias de informação e comunicação”.

7 A título de conclusão

É importante lembrar que há, também em Derrida, um questionamento do ideal de esclarecimento, questionamento este que se dá **a partir** da leitura que ele faz de Husserl, autor importante na formação tanto de Adorno quanto de Derrida. Foi a Husserl que Derrida retornou, quase 40 anos depois de um início marcadamente fenomenológico, para pensar a crise da razão no mundo contemporâneo. Husserl foi um pensador dedicado às condições de conhecimento e, por esse caminho, um pensador da razão, dos seus limites e problemas. Sua filosofia faz parte do que José Arthur Giannotti chamou de “novo diagnóstico da crise do mundo contemporâneo”, diagnóstico que não viria mais da clássica contradição entre os interesses do capital em oposição aos dos trabalhadores, mas “de uma fenda no seio da própria razão que, perdendo seu empuxo de esclarecer seus próprios princípios, se transformaria em técnica predisposta a dominar o mundo” (GIANNOTTI, 2011, p. 274).

Adorno foi um importante herdeiro desta percepção da técnica como instrumento de dominação. Derrida, um importante herdeiro do debate husserliano sobre as condições de conhecimento. Um século depois de Husserl, talvez também possamos ouvir vozes: a de Adorno, sim, como no sonho de Derrida sobre o legado da teoria crítica ao pensamento da desconstrução, mas também as vozes de Derrida, quando ele propõe a suspensão de

oposições ingênuas entre tradição e renovação, entre reforma e revolução.

Adorno and Derrida: a debate on communication theory

ABSTRACT

The aim of this paper is to question the use of the concept of "new information and communication", taking advantage of critical theory, deconstruction and the possibility of connection between them. Whether, therefore, question the concept of NICTs as libertarian and emancipatory from its opposition to the means of mass communication, identified as oppressors and manipulators. I intend, therefore, discuss the binary oppositions on which still rely on many of the concept of NICTs.

KEYWORDS: Cultural industry. Deconstruction. Critical theory

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BOLTANSKI, Luc ; CHIAPELLO, Ève. **O Novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global**. Madri: Ariel/Fundación Telefónica, 2007. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2007c/312/indice.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2011.
- CRAGNOLINI, Mónica B. Temblores del pensar: Nietzsche, Blanchot, Derrida. **Pensamiento de los Confines**, Buenos Aires, n. 12, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.jacquesderrida.com.ar/comentarios/temblores.htm>>. Acesso em: 17 out. 2011.
- CRUZ, Renato. **TV digital no Brasil: tecnologia versus política**. São Paulo : SENAC São Paulo, 2008.
- DERANTY, Jean-Philippe. Adorno's other son: Derrida and the future of critical theory. **Social Semiotics**, London, v. 16, n. 3, set. 2006.
- DERRIDA, Jacques. **Fichus**. Paris: Galilée, 2002.
- _____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DERRIDA, Jacques; STIEGLER, Bernard. **Echographies of television: filmed interviews**. Cambridge : Polity Press, 2002.
- DEWS, Peter. Adorno, pós-estruturalismo e a crítica da identidade. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro Contraponto, 1996.
- DUARTE, Rodrigo. The Culture industry in Brazil. In: DURÃO, Fabio (Org.). **Culture Industry Today**. Cambridge : Cambridge Scholars, 2010.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Alteridade, violência e justiça: trilhas da desconstrução. In: _____. (Org.). **Desconstrução e ética: ecos de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Loyola, 2004.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. Adorno e Derrida: uma tentativa de aproximação. **Forum Deustch**: revista brasileira de estudos germanísticos, Rio de Janeiro, v. 9, 2005. Disponível em: <<http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol9/>>

adornofabio1.pdf> Acesso em: 17 out. 2011.

_____. Derrida, Marx e seus espectros: reconstituindo um debate. In: SANTOS, Alcides Cardoso et alli (Orgs.). **Desconstrução e contextos nacionais**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

EAGLETON, Terry. Marxism and deconstruction. **Contemporary Literature**, Madison, v. 22, n. 4, p.477-488, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1207879>>. Acesso em: 17 out. 2011.

FELINTO, Erik. Da teoria da comunicação às teorias da mídia. Ou, temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura. **ECO-Pós: revista do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, 2011. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs2.2.2/index.php?journal=revista&page=article&op=view&path%5B%5D=404&path%5B%5D=431>> Acesso em: 30 out. 2011.

GIANNOTTI, José Arthur. **Lições de filosofia primeira**. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre : Sulina, 2002.

_____. Les trois lois de la cyberculture: libération de l'émission, connexion au réseau et reconfiguration culturelle. **Sociétés**, n 91, p. 37-48, 2006. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-societes-2006-1-page-37.htm>> Acesso em: 18 out. 2011.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo : Editora 34, 1999.

MARTINI, Silvia Modena. O Ibope, a opinião pública e o senso comum dos anos 1950: hábitos, preferências, comportamentos e valores dos moradores dos grandes centros urbanos (Rio de Janeiro e São Paulo). 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Campinas, 2011.

MORETZSOHN, Sylvia. O Mito libertário do “jornalismo cidadão”. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 9-10, p. 63-81, 2006. Disponível em: <http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/viewFile/4749/4463>. Acesso em: 18 out. 2011.

RODRIGUES, Carla. **Coreografias do feminino**. Florianópolis : Editora Mulheres, 2009.

_____. Ciborgues no ciberespaço: articulações entre potência, tecnologia e apropriação de sentido. Revista CONTRACAMPO, UFF. Niterói, número 21, 2010a.

< <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/viewArticle/39>>. Última consulta: 17 de outubro de 2011.

_____. Capitalismo tardio, redes sociais e dispositivos móveis: hipóteses de articulação. **Encontro Compós** : PUC-Rio 2010. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2010b. < http://compos.com.puc-rio.br/anais/sections/gt/4/gt4_carla_rodrigues.pdf>. Última consulta: 17 de outubro de 2011

_____. Os nomes do capital. **Revista Serrote**, número 10, novembro de 2011a. São Paulo, Instituto Moreira Salles.

_____. Não tenho limites: dispositivos móveis, identidade e flexibilidade. Revista

ALCEU (PUC-Rio), número 23, 2011b.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTIAGO, Silviano. **Glossário de Derrida**. Rio de

Janeiro: F. Alves, 1976.

SENNET, Richard. **A Corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. **Critique de la raison cinique**. Paris : Christian Bourgois, 2000.

Carla Rodrigues

Doutora e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Professora adjunta no departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio .

Professora no departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Pesquisadora de Pós-doutorado (IEL/Unicamp) no programa PDJ/CNPq (2011-2012).

E-mail: carla@puc-rio.br

Recebido em: 19/03/2012

Aceito em: 28/06/2012